PERFIL ALESSANDRO GARCIA

O dia 15 de fevereiro foi o dia mais triste da vida de Alessandro Garcia. Pela primeira vez seu filho Bento, de 5 anos, disse “papai”. Fruto do relacionamento do professor de sociologia, 38, com a professora de matemática, Carolina Freitas, 37, Bentinho, como era chamado, foi diagnosticado com autismo em grau severo há três anos. Depois de passar pela terapia, e pandemia, esse também foi o dia em que Bento retornou à escola, acompanhado pela irmã Sophia, de 1 ano. Foi um dia feliz, cheio de novidades para serem conversadas no jantar, se não fosse a enxurrada de entulhos que destruiu a casa da família na rua Teresa, deixando 232 vítimas na cidade de Petrópolis, entre elas Carolina Ferreira de Freitas da Silva, Bento de Freitas Garcia e Sophia de Freitas Garcia. Em fevereiro de 2023 completou um ano.

Alessandro estava com o filho no colo quando a casa foi atingida. Depois da inundação ele correu pelas ruas até a casa de um familiar, acreditando que ainda tinha o filho nos braços, ao invés de submerso na lama. Dormiu tamanho o choque. Até as 21 horas daquela noite, 94 pessoas foram encontradas sem vida. Na manhã seguinte acordou com a dor das duas pernas quebradas, e da família perdida. A cunhada, Karina Carla de Souza, de 34 anos, conta que a culpa por não ter segurado o filho forte o suficiente o corroía. Só restava as buscas pelos corpos, com esperança de serem encontrados com vida. Os sogros, Elcio José de Freitas, 67, e Maria Alves da Silva, 69, também estavam desaparecidos.

O volume de chuva foi inédito na cidade, atingiu 3 metros de altura da rua onde moravam. Em menos de seis horas, choveu acima do que era esperado para o mês inteiro, as estações meteorológicas do município marcaram 260 mm. Petropólis estava devastada novamente. Naquela tarde a lama varreu as casas, a chuva arrastou carros, e a cidade reviveu as tragédias de 1988, 1995 e 2011, em uma escala maior.

Alessandro Garcia trabalha no Instituto Federal Fluminense (IFF), em Maricá, 116 km de distância de onde mora, por isso ficava dois dias por semana fora de casa, nesses período a saudade, principalmente, da esposa apertava: “Deus sabe quanto eu ficava ansioso para voltar para casa. Eu queria voltar para casa, queria ficar ao lado dela”, diz ele com a voz embargada. A família sempre era mencionada nas aulas, independente do sociólogo, “Ele nunca deu uma aula sequer sem falar do Bentinho”, relembra o ex-aluno, João Vitor Pereira, 21 anos. Mestre e doutor em sociologia, sempre foi querido pelos alunos, seu projeto de extensão “Ficção Científica e Sociedade” reunia cerca de 13 alunos, sendo dois bolsistas, o comum era dois alunos por extensão. Amável e compreensível, seu tom de voz baixo, e jeito calmo de

gesticular as mãos contrastam com sua estatura, caracterizando o sujeito embananado que admite ser.

Apaixonado por histórias em quadrinhos, ele também produzia vídeos no canal "Ministério dos Quadrinhos", no You Tube. Com análises, entrevistas e debates sobre o universo nerd, ele formou a comunidade de 78 mil inscritos, e se surpreendeu com as campanhas promovidas por quem o acompanhava, como o jornalista Sidney Gusman. A imagem com o número da conta bancária do professor circulou nas redes sociais, sendo transmitida até em uma live da Panini. Em julho o canal foi indicado ao troféu Ângelo Agostini, na categoria "Contribuição ao Quadrinho Nacional".

Alessandro diz que não planejava voltar a produzir vídeos depois do acidente, mas a mobilização da comunidade para o ajudar fez com que mudasse de ideia, além do conselho de um amigo psicólogo: "Eu não devia abandonar as coisas que me definem porque eu perdi muitas coisas que me definem, as coisas menores eu não devia abandonar, mas tudo soa fútil, os quadrinhos são uma paixão para mim, mas eu perdi meus amores e quando a gente perde nossos amores nossas paixões enfraquecem", diz com a cabeça baixa e olhar distante. O professor conta que voltou a ler quadrinhos, faz parte da sua terapia, e no dia 18 de dezembro estreou seu vídeo de retorno ao canal, depois de muitas oscilações. Ele argumenta que foi convencido pelo psicólogo de que o faria bem.

No dia 18 de fevereiro foram encontradas a filha, que completaria 2 anos em julho, e a esposa, com quem foi casado por nove anos. Ambas foram sepultadas no dia seguinte. Durante o velório uma ligação avisou que o corpo do filho, Bento Freitas Garcia, tinha sido encontrado, também sem vida. "Dois terços do meu coração ficaram lá. A última parte foi encontrada faz pouco", disse Alessandro ao chegar do enterro. Bento foi enterrado no dia 20 de fevereiro, no mesmo dia em que os bombeiros encontraram os corpos dos seus avós maternos. A missa de sétimo dia aconteceu no dia 23 de fevereiro, na Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no bairro Quitandinha, onde a família frequentava assiduamente. Carolina Freitas, junto com o marido, era assessora de jovens, participava de retiros, encontros, e ministrava palestras, além de aconselhar moças e rapazes no caminho da fé cristã. Alessandro Garcia diz que a esposa representava para ele a fé, e que o único sentimento que vai contra a tristeza é o cuidado de familiares e amigos.

Um fato curioso que chamou atenção da equipe de resgate foi que uma borboleta azul pousou em cima dos escombros que ocultavam o corpo de Bento, e ela permaneceu até que o corpo fosse removido. Para muitos a borboleta é símbolo de renovação, mudanças, transformação física e espiritual. Já o azul é a cor que simboliza o autismo, pelo alto número

de meninos diagnosticados com o transtorno. Pensando em uma forma de homenagear a memória da família, Alessandro Garcia criou o Projeto Borboleta Azul, que capacita pais, mediadores e acompanhantes terapêuticos de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), comunidade da qual seu filho fazia parte.

A ex-aluna, Ana Elisa, 20, relembra uma conversa em que o professor contou sobre sua preocupação com o desenvolvimento do filho, quando Bento ainda estava no processo de investigação de diagnóstico, “Será que ele vai conseguir se virar”, disse o pai que ainda desconhecia os cuidados com TEA. Durante a terapia ocupacional Sophia, a irmã mais nova, insistia em também participar, Ana Elisa que também tem uma irmã autista, relembra do professor contando o acontecimento aos risos.

O professor se refere a Bento como o menino mais bonito que conheceu, “Para mim, todos os pais devem dizer isso, mas costumo dizer que a beleza dele era bonita de olhar. Ele era muito apegado a mim, e isso se acentuou durante a pandemia. Um garoto que gostava de carinho e abraço. Bento não falava, mas com seu jeito, seu carinho sem fim, tinha sua capacidade de se entregar com tudo, descreveu Alessandro com lágrimas. O Borboleta Azul pretende informar a comunidade para que crianças autistas sejam incluídas e se desenvolvam na sociedade. Segundo dados divulgados em 2021 pelo Centro de Controle de Doenças e Prevenção, cerca de 2 milhões de brasileiros são autistas.

As aulas do Borboleta Azul são gratuitas, e foram divididas em nove módulos, iniciando no dia 28 de maio, lotada com 130 pessoas inscritas. Os encontros acontecem um sábado a cada mês, das nove horas da manhã às quatro da tarde, na Igreja Santo Antônio, no bairro Alto da Serra, o lugar mais afetado pela tragédia. “O curso trata do autismo a partir de diversos aspectos. Queremos ajudar na formação de pais e dos acompanhantes terapêuticos dando a eles as ferramentas necessárias”, diz Alessandro. Toda a equipe que participa do projeto é voluntária, como as coordenadoras Ana Paula Costa, que era psicóloga do Bento, Rafaela Amorim, Bianca Pandini, e Bete Oliveira, que é mãe do João Pedro, de 7 anos, que também é autista.

“Quando as pessoas me perguntam como eu estou, eu digo que estou seguindo”, conta Alessandro Garcia, que perdeu a família no dia 15 de fevereiro, quase esboçando um sorriso ao longe.